

Seminário das Confederações: um balanço

Por Leda Costa e Luiz Guilherme Burlamaqui

Nos últimos quinze anos, é notável o aumento da produção em Ciências Sociais sobre futebol. Já há algum tempo parece infrutífero iniciar um artigo a bradar a velha cantilena sobre “a ausência de estudos na temática” porque a sensação geral é de que muito foi feito, ainda que o campo permaneça longe de um estágio de saturação. Nesta produção o *Núcleo de Pesquisas em Esporte e Sociedade*, sítio na Universidade Federal Fluminense, e a Revista *Esporte e Sociedade*, ligada, por seu turno ao núcleo, tem desempenhado papel seminal na produção, circulação e divulgação de artigos. Ambos têm se notabilizado pelo seu caráter interdisciplinar, fazendo convergir múltiplas disciplinas para compreender o lugar que os esportes ocupam na sociedade brasileira.

Nesta produção, tampouco escasseiam os textos de balanço e síntese da produção relacionada à temática, havendo mesmo uma literatura fértil também neste sentido. Partimos aqui, para fazer um balanço dos trabalhos, de dois textos. No plano quantitativo, consideramos o artigo de Enrico Spanggiari e Sérgio Giglio (2009) – *A produção de ciências humanas sobre o futebol: um balanço (1982-2009)* – o mais completo. Num sentido geral, o argumento do texto é que há, a despeito de um quadro de descentralização, um predomínio ainda marcante da região Sudeste (70 %) como polo irradiador de temáticas. Como é sabido, há uma concentração marcante de estudos sobre torcidas organizadas e identidade nacional. Este último vetor, inclusive, pode ser desmembrado em duas linhas menores: a relação entre sociedade civil e sociedade política em tempos de Copa do Mundo; e a produção de cronistas e intelectuais sobre a “nação”.

No plano qualitativo, a antropóloga Simoni Lahud Guedes historiou a trajetória de pesquisas sobre esportes no Brasil, enumerando e debatendo criticamente os principais autores que forneceram o norte da pesquisa em história, sociologia e antropologia no Brasil. Neste quesito, a presença da obra de Roberto Da Matta parece-nos ainda hoje capital, em especial, a noção de futebol como um drama social, embora suas hipóteses sobre o futebol como produtor da democracia tenham sido progressivamente abandonadas. Guedes, por outro lado, lamenta a dificuldade dos

pesquisadores em trazer novas metodologias às reflexões teóricas, que, tantas vezes, insistem nos “abusos” de Pierre Bourdieu e Norbert Elias.

Assim como Spanggiari e Giglio, Guedes concorda acerca do predomínio de pesquisas sobre torcedores e identidades nacionais, mas aponta, por sua vez, dois caminhos que lhe parecem frutíferos e que devem ser percorridos: 1) a relação entre o futebol, o poder e a política; 2) os modos de perceber o futebol em outros contextos, convidando e incitando os jovens pesquisadores a pesquisar “além do nacional”. A despeito de três dissertações (SILVA, 2013; BURLAMAQUI, 2013; DONATO, 2013), a relação entre futebol e o campo político no Brasil ainda é uma área quase totalmente inexplorada e, que, curiosamente, não desperta tanto interesse do público em geral. Se, neste último, avançamos pouco, o que dizer das pesquisas comparativas sobre o futebol e o esporte “além das fronteiras”? Aqui, quase nada foi realizado, e escasseiam, sobretudo, informações sobre o futebol em regiões nas quais ele não é o esporte número um: os Estados Unidos, a Índia, o Japão e a África do Sul parecem lugares especialmente convidativos à investigação histórico-antropológica.

De toda a sorte, arriscamo-nos a dizer que nos últimos três ou quatro anos, com o “Brasil no horizonte dos megaeventos” (DAMO & OLIVEN, 2014), formou-se um terceiro vetor de estudos nas pesquisas sobre futebol, rivalizando com as duas temáticas “clássicas”. Por razões evidentes, cresceram as pesquisas sobre os “novos estádios” e os impactos dos megaeventos na cidade. Nesta trilha, em 2013, por ocasião da Copa das Confederações que entrou para a História como “a Copa das Manifestações” (DAMO, 2014), nós, do *Núcleo de Estudos e Pesquisas em Esporte e Sociedade*, realizamos o *Seminário das Confederações*, o terceiro Seminário de Pesquisas do grupo, e o segundo a contar com pesquisadores internacionais. Dito isto, o *Seminário das Confederações* tinha como proposta a mescla e o diálogo entre nomes de peso no cenário internacional – como, por exemplo, o argentino Pablo Alabarces, o mexicano César Macias, o catarinense Arlei Damo e a gaúcha Carmen Rial – e jovens pesquisadores cujas pesquisas se encontram em estágio embrionário, ou inconcluso. Devemos dizer que há alguns anos esta tem sido a proposta do *NEPESS*, que, assim como da Revista *Esporte & Sociedade*, tem valorizado teórica e praticamente a interdisciplinaridade e militado para que o mundo acadêmico torne-se um espaço mais horizontalizado.

Este *Dossiê* é, portanto, produto desde *Seminário* que não se limitou a tratar dos megaeventos, mas reflete, em grande medida, a produção do futebol nas ciências sociais Brasil afora. Antes de mais nada, gostaríamos de aproveitar a ocasião para agradecer

àqueles que do ponto de vista institucional e financeiro viabilizaram o Simpósio: a *Fundação de Apoio à Pesquisas do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ)*, e ao *Programa de Pós-Graduação em História (PPGH)* e o *Programa de Pós-Graduação em Antropologia*, ambos ligados à Universidade Federal Fluminense. Nominalmente agradecemos ao André Alexandre Guimarães Couto, a Simoni Lahud Guedes, a Martin Curi, a Ingrid Guimarães e a Luiz Fernando Rojo Mattos, que foram conosco os organizadores do evento.

Dito isto, a escolha dos textos para compor o *Dossiê* passou, em particular, pelo crivo e avaliação dos coordenadores convidados para as mesas do Seminário. Neste sentido, lembramos que o evento foi realizado com grande sucesso, contando quase sempre com sessões lotadas, e ampla participação do público, e, infelizmente, acabamos deixando alguns textos e trabalhos de fora. No fim, selecionamos um total de dez textos em um evento que teve a presença de mais de vinte trabalhos inscritos.

Por razões oportunas, abrimos esta edição com os três textos sobre a construção dos estádios e os impactos da Copa do Mundo em três cidades-sede: Fortaleza, Belo Horizonte e Porto Alegre. Com alguma margem de segurança, podemos dizer que há uma questão de fundo que perpassava os três artigos: de que forma a ética e a estética dos torcedores será modificada face à nova geografia dos estádios? A percepção é que a gramática do “estádio-nação” (HOLLANDA, 2014) com a marca da inclusão das diversas classes sociais, ainda que dispostas hierarquicamente, no mesmo espaço é substituída pela lógica do “estádio-estúdio”, arquitetado tendo em vista a valorização do conforto. Decerto, os usos e as apropriações posteriores – como salientam os três autores – dos Estádios estão ainda em disputa, porque estes processos ainda estão em curso e qualquer exercício de futurologia pode fracassar, ainda que seja inegável que o público-alvo das “novas arenas” consiste nas classes mais abastadas.

Analisando o caso da Arena do Grêmio, o pedagogo Gustavo Bandeira e o jornalista Matheus Passos Beck parte dos pressupostos da “antropologia das emoções” para verificar de que forma “as velhas emoções” apareceram no “novo estádio”. Analisando o famigerado Caderno de Encargos da Federação Internacional de Futebol (FIFA), explicitam as principais exigências de mudança para que um estado se adeque ao chamado *Padrão FIFA*. Além de tópicos relacionados à segurança e ao estacionamento, aquele que chama mais atenção é a necessidade de se reservar uma parte significativa dos lugares do estádio aos principais dirigentes e, em particular, a imprensa e aos patrocinadores do evento.

Em Fortaleza, Radamés de Mesquita Rogério e Leonardo da Costa Rogério partem do conceito caro à sociologia de Florestan Fernandes de “modernização conservadora” para pensar os processos de transformação dos estádios. Segundo os autores, a Copa do Mundo e a construção dos estádios inserem-se no contexto geral de transformação e mudanças da sociedade brasileira quase sempre operada “pelo alto” pelo estado, sem nenhuma consulta à população. Neste caso, a aliança entre as empreiteiras aliada aos políticos locais aparecem como os principais agentes interessados no processo da Copa do Mundo, enquanto à população o propalado legado não passaria, no fundo, de “um legadinho”, sem ocasionar mudanças estruturais na cidade.

Fechando a tríade de artigos, os educadores físicos Sílvio Ricardo, Priscilla Augusta e Silvia Amaral problematizam a relação entre tradição e modernidade no Novo Mineirão. Participantes do GeFut (Grupo de Estudos de Futebol) sediado na Universidade Federal de Minas Gerais, que tem há algum tempo estabelecido uma relação cooperativa com o NEPESS (Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Esporte e Sociedade), os autores partem do fato de que as novas arenas vão, de uma forma ou de outra, estabelecer uma relação nova entre o público e o estádio. No caso do Mineirão, velhos hábitos torcedores precisam se adequar ao “padrão-FIFA”, e é nesta imbricação entre o novo e o velho, entre modernidade e tradição que os autores vão construir seu argumento.

No quarto artigo do Dossiê, a comunicóloga Julia Almeida propõe uma abordagem ligeiramente distinta das três primeiras sobre os megaeventos. Nesta abordagem, trata-se de uma análise “iconotextual” sobre a produção discursiva sobre a Copa do Mundo no Brasil partindo do antagonismo entre as representações “oficiais” do evento – a FIFA e o governo – e os discursos contrários à narrativa central que vem à superfície em meios de comunicação não convencionais, sobretudo, os *blogs*. A abordagem é bem inovadora, alimentada de fontes imagéticas, ancorando-se nos pressupostos das teorias “pós-modernas” da identidade como o indiano Homi Bhabha e o jamaicano Stuart Hall.

Dos *blogs* aos livros, o artigo de Fernanda Ribeiro Haag que veio a produzir uma espécie de história da produção e da recepção do *Negro de Futebol Brasileiro*, escrito em 1947, por Mario Filho. Neste sentido, se, por um lado, o conteúdo do livro produziu intenso debate (HELAL & SOARES, 1999) além de análise extensiva (SILVA, 2008); por outro, como artefato cultural ele nunca fora tratado como objeto de pesquisa

histórica por si mesmo. Como foi a sua recepção àquela altura? Quais eram os agentes interessados em publicá-lo? Desta forma, Fernanda Ribeiro Haag comenta os ecos que o *Negro do Futebol Brasileiro* produziria entre os circuitos acadêmicos, recuperando a resenha de Luiz Aguiar Costa Pinto escrita na prestigiosa *Revista Sociologia*.

A seguir, o professor de literatura da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Elcio Cornelsen, traz uma contribuição bastante original ao campo de estudos sobre futebol: a análise, do ponto de vista formal, sobre os hinos dos clubes de futebol em Portugal e no Brasil. Aqueles que problematizam o clube como uma “comunidade imaginada”, tem se debruçado sobre os hinos como fontes primárias para a compreensão das narrativas clubísticas, a inovação do trabalho de Cornelsen consiste em tomar os hinos como objetos em si mesmos de estudo. Tomando como base os hinos de Fluminense e Benfica, Elcio observa que ao processo de espetacularização do futebol, seguiu-se a passagem dos hinos “oficiais”, extremamente rígidos do ponto de vista formal, aos “populares”, mais frouxos ao rigor formal.

No sétimo artigo, a antropóloga Mariane Pisani analisa o lugar das jogadoras de futebol em um jogo – e, em particular, no mercado – hegemônico pelos homens. Em contraponto ao mercado futebolístico masculino em que vedetes como Cristiano Ronaldo, Neymar e Messi afiguram-se como produtores de valor material quase incalculável; no futebol de mulheres, a representação feminina é a de “mercadorias que ninguém compra”. É em cima deste desenlace que Mariana Pisani analisa e trabalha com a perspectiva de migração feminina, dado que é apenas no exterior que as mulheres podem ter seu valor (material e simbólico) reconhecido. Migração esta que, por sua vez, adquire um sentido muito particular; porque, se no futebol masculino, as redes de empresários fazem o papel de *link* entre as diversas regiões do globo; no feminino a inexistência de empresários é a marca característica de um mercado em formação. Sendo assim, a experiência migratória é operada a partir de certas redes de sociabilidade construídas pelas mulheres em outros espaços.

Nesta trilha, a doutoranda em ciências sociais Marina Mattos parte do cabedal foucaultiano para pensar o papel do jogador na era neoliberal. Na leitura de Michel Foucault, o neoliberalismo marcaria a ascensão de um novo *modus operandi* da política – a biopolítica – e a readequação do *homo economicus*. Neste quadro teórico e histórico, o *homo economicus* agiria exclusivamente em função dos bens materiais – o homem econômico neoliberal, escreveria o filósofo francês, é “um empreendedor de si mesmo”. A palavra-chave, dotada de magia social e simbólica, é o *empreendedorismo* – uma ética

que atravessa não apenas o “grande universo do futebol”, mas também, e, sobremaneira, os chamados jogadores “infames”, o futebol dos pequenos clubes. Nesta ética, o jogador se percebe como uma empresa, como um produto a ser comercializado nos grandes centros do futebol-espetáculo. Na visão de Marina Mattos, a autoimagem do jogador como “empresa”, gestor de si mesmo, é o que marca aquilo que Arlei Damo (2007) definiu como “a última etapa de espetacularização do futebol”.

No penúltimo artigo, o cientista social Luiz Arator Carvalho Vaz revisita o problema das “torcidas organizadas”, trazendo novas questões a um tema já clássico. Sabemos, é bem verdade, que nos últimos anos, as torcidas organizadas passaram por um processo de reinvenção simbólica e econômica. No campo esportivo, a emergência das “torcidas de alento” a partir da virada do milênio – com o pioneirismo da Geral, do Grêmio – foi um fato novo que já despertou a atenção da bibliografia especializada. De toda a sorte, a participação das mulheres nas agremiações torcedoras ficou até certo ponto silenciada por esta vasta bibliografia. Percebendo este silêncio, Vaz explora a “iconografia feminina” nos símbolos das torcidas organizadas tentando compreender os discursos de gênero que elas produzem.

Fechando o *Dossiê*, o artigo de Marcus Vinicius da Costa Lage e de Regina de Paula Medeiros em torno da profissionalização do futebol em Belo Horizonte. Tal tema que despertou a atenção nos dois centros nervosos do país – nomeadamente Rio de Janeiro e São Paulo – ainda carece de abordagem mais matizada em outras regiões para que consigamos escapar aos marcos cronológicos clássicos. Podemos dizer que 1933 é o ano-chave da passagem do amadorismo ao profissionalismo no Sudeste, mas terá sido assim em outros lugares? Quais as diferenças da profissionalização do esporte nas capitais e no interior dos estados? Lage e Medeiros debruçam-se exclusivamente sobre as tensões locais entre os grupos diretivos belo-horizontinos e os jogadores em vias de se profissionalizar, às vésperas das transformações de 1933. Propõem, neste sentido, uma abordagem do processo a contrapelo ou “uma história vista por baixo”, porque, embora as fontes indiquem que a profissionalização dos jogadores foi uma “concessão” dos grupos diretivos, é preciso reconstruir a trajetória, a demanda e as lutas dos “trabalhadores da bola” em defesa da regulamentação de sua profissão.

Às vésperas da Copa do Mundo no Brasil, os editores noticiam com prazer que mais um número da Revista *Esporte & Sociedade* vem ao ar. Esperamos que aproveitem o *Dossiê*. Boa leitura!

Referências

BURLAMAQUI, Luiz Guilherme. A outra razão: os presidentes de futebol entre práticas e representações. Dissertação de mestrado apresentada como requisito para obtenção do grau de mestre no PPGH (UFF). Niterói, 2013.

DAMO, Arlei. Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França. Porto Alegre: Rotschild Editores, 2007.

DAMO, Arlei; OLIVEN, Ruben: O Brasil no horizonte dos megaeventos esportivos de 2014 e 2016: sua cara, seus sócios e seus negócios. Horizontes Antropológicos, nr 40, 2013.

DONATO, Mateus. Profissionalismo e perspectivas de mudança no futebol brasileiro. Dissertação de mestrado apresentada como requisito para obtenção do grau de mestre no PPGSA (UFRJ). Rio de Janeiro, 2013.

GUEDES, Simoni Lahud: Esporte, lazer e sociabilidade. In: Carlos Benedito Martins; Luiz Fernando Dias Duarte. (Org.). Horizontes das Ciências Sociais no Brasil. Antropologia. 1ed.São Paulo: Anpocs; Discurso Editorial, Barcarolla, 2010.

HELAL, Ronaldo & SOARES, Antônio Jorge. História e invenção de tradições no futebol brasileiro. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. “O fim do estádio nação”. Entrevista concedida ao jornal *O Globo*. Disponível em <http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2012/09/08/o-futuro-do-estadio-nacao-464282.asp>, acesso às 12:00, dia 13-06-2014.

SILVA, Thiago Moreira. A bancada da bola no legislativo carioca: concepções, evidências e estratégias de uma representação singular. Dissertação de mestrado apresentada como requisito para obtenção do grau de mestre no PPGHC (FGV). Rio de Janeiro, 2013.